

LEITURA E HIPERTEXTO: UMA REALIDADE VIRTUAL

Dolores Aparecida Garcia¹
Claudia Lucia Landgraf Valério²
Ataide da Costa Junior³

RESUMO

Nesse artigo discutiremos o processo de construção de leitura desencadeado pelo hipertexto e pelo uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que surgem em um mundo globalizado e em constante mudança. Tal mudança é verificada também no confronto entre a chamada geração “X”, cidadãos nascidos no limiar dos anos 80-90, e a geração “Y” oriundos de uma era digital. Diante da realidade apresentada pelo mundo do trabalho, a preparação do trabalhador para adaptar-se às transformações ocorridas no mundo do trabalho se tornou preocupação para os educadores contemporâneos que defendem uma educação emancipatória, cujos propósitos vão além da educação instrumentalista. **Palavras-chave:** Leitura, TIC, educação.

ABSTRACT

In this paper, we discuss the construction process triggered by the hypertext reading and the use of new Information and Communication Technologies (ICT) that arise in a globalized and rapidly changing. Such changes are observed even in the confrontation between the so-called generation “X”, people born on the threshold of the years 80-90 and generation “y” native to a digital age. Faced with the reality presented by the world of work, the preparation of the worker to adapt to changes in the world of work has become a concern for contemporary educators who advocate emancipatory education, whose purposes go beyond education instrumentalist. **Keywords:** Reading, ICT, education.

1 Mestre, UNIVAG, professora do curso de letras, dulusenac@gmail.com, CUIABÁ.

2 IFMT, professora do curso de letras, claudialandgraf10@gmail.com, CUIABÁ.

3 UNIVAG, aluno do curso de letras, azakuar@hotmail.com, CUIABÁ.

INTRODUÇÃO

Foco deste artigo é o processo de construção de leitura desencadeado pelo hipertexto e pelo uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que afloram em um mundo globalizado, pressionado por constante mudança. Tal mudança se verifica até no confronto entre a geração “X”, cidadãos nascidos no limiar dos anos 80-90, e a geração “Y”, nativos de uma era digital, a partir da década de 90 (OLIVEIRA, 2010). É de solicitar que, nas décadas de 80-90, os jovens tinham alguns brinquedos, que hoje já não são mais usados por nossas crianças, como cubos, jogos de tabuleiro e músicas gravadas em fitas cassetes. A partir da geração “Y”, os jogos são on line em 3D (terceira dimensão), e as músicas são disponibilizadas para download em computadores de uso pessoal ou públicos.

Ao nos referirmos à Tecnologia Educacional, encontramos muitos preconceitos, deixando a necessidade de ter novas metodologias, sobretudo aquelas para auxiliar na construção de saberes na educação. Maggio (2001, p. 12) apresenta duas definições de Tecnologia Educacional: uma acentua que é o estudo dos meios como geradores de aprendizagem; o processo tecnológico educacional como estudo do ensino. Em ambos os casos há preocupação com o acesso ao saber escolarizado, com vista a atender a demanda, imposta pela sociedade contemporânea, como uma das formas de superação de exclusão social, na atual conjuntura econômica e política no limiar do milênio. Com este objetivo, acabaram descobrindo, no encontro entre tecnologia e educação, uma alternativa economicamente

viável, uma opção às exigências sociais e pedagógicas, contando com o apoio dos avanços das novas tecnologias da informação e da comunicação.

TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Diante da realidade apresentada pelo mundo do trabalho, a preparação do trabalhador para adaptar-se às transformações ocorridas no mundo do trabalho se revelou preocupação para os educadores contemporâneos, que defendem uma educação emancipatória, cujos propósitos vão além da educação instrumentalista.

Na atualidade, os trabalhadores devem aprender a movimentar-se num ambiente dominado por tecnologias materiais e organizacionais, a operar máquinas cada vez mais sofisticadas e a conviver com os outros trabalhadores e chefias em seus diversos escalões hierárquicos, detentores da capacidade de adaptar-se a mudanças dos equipamentos e dos ambientes de trabalho.

Os brinquedos dos jovens são bem diferentes. Muitos circunscrevem ao Messenger, ao Facebook, ao Orkut. As crianças conversam e fazem vários amigos em lugares diferentes, podemos dizer que até mesmo o conceito de amigos sofreu alteração. Criamos vídeos caseiros e postamos no Youtube para milhões de pessoas acessarem. Podemos, simultaneamente, conversar com pessoas do mundo todo pelo Twitter e acompanhar os acontecimentos mundiais. Temos o pen drive, HD externo, Wikipedia, Facebook, Ipod, Ipad, Iphone. Podemos dizer que a

geração “Y” tem todas essas ferramentas para serem utilizadas.

Vemos uma série de mudanças na tecnologia, que podem ser observadas. Por exemplo, na geração “X”, pegávamos os brinquedos, o contato se fazia fisicamente. Hoje os brinquedos são virtuais: são softwares, coisas que não tocamos.

Se olharmos para a educação nos dias que convêm, percebemos todas essas mudanças sociais e seu impacto na educação. Ainda temos profissionais que lançam não somente do giz e do quadro-negro, ignorando que hoje temos a internet, a educação a distância, ou a não presencial. Paradoxalmente, perto x longe, falamos de mundo em rede, podemos dizer que todas essas mudanças precisam ser aliadas à educação.

A tecnologia posta à disposição dos estudantes tem por objetivo desenvolver as possibilidades individuais, tanto cognitivas como estéticas, através das múltiplas utilizações que o docente pode realizar nos espaços de interação grupal (LITWIN, 2001, p. 9).

O processo de globalização velozmente redefiniu os rumos da economia, transformou as relações sociais e conferiu nova roupagem às manifestações culturais de todas as nações. Diante deste cenário de transformações globalizantes e demandas sociais emergentes, a educação, ao longo da vida, cada vez mais se faz necessária e os sistemas educacionais passam a assumir funções diversificadas e a enfrentar desafios de toda ordem (BELLONI, 2001). Mudanças na organização produtiva, definidas sobretudo pelo aumento da competitividade do mercado e por novas exigências em termos de qualidade por parte dos consumidores, têm levado as empresas a que busquem uma força de trabalho

cada vez mais qualificada (ROSA, 2003). Difunde-se, de modo agigantado, a ideia de que a educação não é processo que se possa dar em algum momento por concluído, mas, ao contrário, que ocorre ao longo de toda a vida. O processo de globalização se instaurou e alterou também o campo da educação.

Hoje, o mundo do trabalho exige um novo perfil de profissional, e a formação inicial se faz insuficiente para preparar as competências múltiplas requeridas pelo mercado. Para sobreviver na sociedade e integrar-se ao mercado de trabalho do século XXI, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas tarefas, assumir responsabilidade e aprender por si próprio, e constantemente trabalhar em grupo, de modo cooperativo e pouco hierarquizado. A educação deve ser entendida como um processo de formação humana que se organiza e desenvolve metodologicamente, diferentemente do modelo tradicional. Porém, o mundo globalizado faz com que a educação se revista de maior notoriedade hoje do que no passado, pois ela se enquadra perfeitamente como alternativa para a democratização da educação e do ensino.

Temos um mundo centrado no conhecimento, uma vez que parte da riqueza do mundo é gerada pelo conhecimento. O conhecimento está em tudo. Não paramos para perceber que ele está em coisas que a gente nem imagina. Temos aí o celular, cuja memória é maior do que a dos computadores de 30 ou 40 anos atrás. Nossos computadores foram cada vez mais reduzidos de tamanho, aumentada sua capacidade de memória. Portanto, é óbvio que o conhecimento está mudando, que as máquinas estão

se aperfeiçoando e, como consequência, a educação muda e os professores têm que acompanhar a mudança, para que possamos ter e fazer uma educação de qualidade.

Podemos nos reportar a inúmeros exemplos de mudança. Embora assim, vamos fazer alusão a algo simples, que usamos várias vezes, como uma lata de refrigerante, ou seja, de alumínio. Hoje, pegamos a lata e vemos sua fragilidade: a de 20 anos atrás era dura, de tal modo que as pessoas brincavam para ver quem conseguia amassar, para concluir quem era forte. Isso invadiu o conhecimento, e ele que tem provocado mudanças. Para ter ocorrido essa mudança, a lata que temos hoje, não podemos ignorá-lo, corresponde a 80% de conhecimento: ela é um material flexível, muito mais reciclável, consome menos energia, foi fruto de um processo de conhecimento, em que se colocou muito estudo pra se chegar à lata que temos no mundo atual .

Outro exemplo simples, utilizado como uma coisa normal, é o correio. Há poucos anos, utilizávamos cartas escritas ou impressas, ao passo que, movimento, utilizamos as facilidades dos correios eletrônicos (e-mails), anexando a eles fotos, documentos e qualquer documento digital, e enviamos a várias pessoas.

Não nos limitamos tão só a lata de alumínio ou ao correio. Vejamos outro exemplo. Pensemos no carro: abarca um processo de uma engenharia mecânica de conhecimento, hoje os carros possuem sensor, computador de bordo, tudo eletrônico.

Chegamos ao ponto crucial: tudo em nossa vida está se modificando nós? Onde estamos? Será que estamos tendo

conhecimento? Aplicamos esse conhecimento? Vivemos numa sociedade em que o grande valor é o intangível. O bem que valorizamos são bens intangíveis.

Vivemos numa era de troca de conhecimento, e nós sabemos que, quando ensinamos, normalmente aprendemos mais. Ou seja: quanto mais ensinamos mais aprendemos, A grande revolução do mundo atual é que, em relação a esse conhecimento ativo, quanto mais se usa mais se tem, mas nós não paramos para refletir sobre isso. O conhecimento é importante, e o grande desafio é que temos que partilhar isso.

Mas o que é conhecimento? Segundo o Houaiss, “conhecimento é o ato ou efeito de conhecer; o ato ou a atividade de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência”. O conhecimento, não raro, se confunde com a palavra informação, sem entender o que é, qual a diferença entre os dois conceitos. Então, uma coisa é um dado. Digamos que façamos referência a menos três. É simplesmente um dado. E o que se faz com menos três, não faz nada. Mas se dissermos que, em Santa Catarina, faz menos três graus, já é uma informação. Um dado que carrega um tipo de informação, de significado, que já conseguimos fazer algo, um tipo de informação, um dado que tem mais um pouco de contexto. Imaginemos mais: que ao nos dirigirmos a Santa Catarina, tomamos conhecimento de que precisamos levar blusa de frio. Isso nos permite ter uma decisão sobre algo, se usamos a informação para tomar uma decisão: geramos um conhecimento, está ligado a uma tomada de decisão, ele é usado para alguma coisa. Temos, no entanto, vários tipos de conhecimento.

O conhecimento explícito está escrito, codificado

em uma língua, em nosso caso circunscrito à língua portuguesa. Se tratasse de matemática a linguagem assume uma feição universal. Mas nós, na qualidade de seres humanos, temos muito conhecimento que está em nossa cabeça, mas não externalizamos, não colocamos num papel: é o que denominamos conhecimento tácito, ou conhecimento implícito, aquele que não se exprime por palavras.

Quando vamos para nossa casa, quando saímos de nosso local de trabalho não precisamos marcar por escrito algo que fazemos todos os dias. Contudo, se fizermos uma festa e formos convidar alguém, temos de fazer um mapa para passar as informações necessárias para que chegue ao destino. Esse é o conhecimento tácito, ou implícito.

Se formos descrever o modo como fazemos para ensinar alguém a andar de bicicleta, diríamos: sente no banco, segure o guidão e pedale. Esse tipo de conhecimento é muito arraigado em nosso eu, é o conhecimento tácito, o conhecimento que é difícil de passar, de ser definido, de partilhar algo. Colocamos a rodinha e, aí por diante, usamos uma série de subterfúgios para passar esse tipo de conhecimento.

Vamos a mais um exemplo de conhecimento tácito: uma receita de um bolo, notadamente aquele que nossa avó fazia, tenha deixado escrito para família para não se perder. Se formos fazer o bolo seguindo a receita da avó, ele não sairá igual, ou seja, ela adicionava alguma coisa a mais ou a menos, que fazia por conhecimento tácito, portanto não conseguimos acertar a receita. Então, como trabalhar com esse conhecimento que é difícil explicar?

Em meio aos docentes, há uma série de conhecimentos que alguns têm facilidade de partilhar e outros não. O profissional de hoje consiga um repertório de informações crescente, portanto ele sente a necessidade de compartilhar esse conhecimento. O conhecimento se agiganta muito rapidamente. No qual, o que aprendemos hoje, amanhã já é diferente. Pergunta-se como podemos ficar atualizado, dentro desse contexto?

Na web 1.0 tínhamos algumas webs sites com as quais não podíamos interagir plenamente: só líamos as informações, abríamos sites e só. Seja exemplo o jornal, que, editado por um editor, a ninguém se dá o direito de mudar algo, não podemos aduzir nenhum comentário, consumimos a informação, e pronto. Na Web 2.0 isso já não acontece, podemos adicionar nossos comentários sobre a notícia.

A web 2.0 é uma série de ferramentas, dado que qualquer pessoa comum pode editar, criar seu conteúdo e publicar. Hoje está fácil publicar um vídeo caseiro, escrever em um diário, criar o próprio jornal, compartilhar nossas fotos, compartilhar o que sabemos a propósito de determinado assunto. Deixamos de ser meramente consumidores para ser produto para consumir. Wikipédia. Temos os blogs, por meio dos quais as pessoas relatam informações, conhecimento. No caso do Orkut, geralmente nossos filhos o dominam. O que é interessante e que nossos filhos, às vezes, têm 765 amigos. Pergunto: quando éramos jovens, tínhamos 765 amigos? Intuímos que a própria definição de amigo está mudando. O que é um amigo? Uma pessoa conecta na minha lista, pede para ser meu amigo e eu aceito, e pronto. O mundo anda tão rápido que até a definição

está passando por mudança.

Ao observarmos do ponto de vista educacional, vamos encontrar muitas opções. Qual é a grande característica delas? É o conteúdo que é escrito por pessoas comuns. E não são ferramentas sofisticadas, elas simplesmente estão viabilizando algo que o ser humano gosta de fazer que é compartilhar informação. Temos de refletir que novas formas vamos usar como docente, diante de tanta tecnologia. Hoje temos visto que as pessoas têm aprendido mais informalmente fora da sala de aula. É possível recorrer a essas ferramentas no dia a dia.



TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Em virtude da expansão da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), muitas transformações ocorreram na sociedade e, conseqüentemente, no processo de leitura de todos. A escola não poderia ignorar tais mudanças, e o cotidiano da educação básica no Brasil também tem se alterado na marcha da vida, uma vez que, com as novas necessidades dos alunos, jovens leitores, inseridos em práticas digitais, têm exigido essa modificação de postura educacional.

A incorporação das tecnologias nas matrizes curriculares, enfatizada pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases), e a formação do professor para atuar em ambientes digitais têm sido amplamente discutidas. Assim, o papel do professor, mediador do processo de formação de leitores, faz-se fundamental para o sucesso dos alunos ao produzirem leitura em material impresso e em contextos digitais. Dessa forma, o computador passa a

ser parceiro tanto no ensino-aprendizagem de línguas quanto na formação de leitores.

Uma das principais diferenças constatadas por pesquisadores e educadores entre o texto tradicional e o texto na Web é a presença do hipertexto, que conduz o aluno-leitor a uma postura não linear diante do texto lido, uma vez que ele, leitor, escolhe o caminho que irá percorrer na composição de sua leitura. Tais escolhas são possíveis, pois o hipertexto se apresenta como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2010, p. 208). Nesta forma de organização textual, o leitor precisará dispensar mais atenção na tomada de decisão constante para que sua leitura seja produtiva e ele construa, na sequência de páginas virtuais, sua trajetória de leitor.

Para Xavier (2010), a leitura através dos hiperlinks presentes no hipertexto emancipa o leitor, pois, ao escolher os elos virtuais, pode-se seguir por caminhos diferentes. Nesse andar, na leitura de hipertextos, algumas palavras ou expressões, ao serem selecionadas, remetem o leitor a outros textos, promovendo uma rede de informações. Esta nova possibilidade de construir a leitura de um texto exigirá de seu leitor muita coerência na seleção do caminho percorrido para que não comprometa a compreensão do texto em seu conjunto. Afinal, com o excesso de informações presentes na rede, um possível “afogamento” do leitor haveria de pôr sua leitura em risco, comprometendo a construção do conhecimento e sua busca de informação.

Assim, a hipertextualidade troca os sistemas conceituais já

existentes por ferramentas modernas, como sites, links e redes como forma de produzir o conhecimento no espaço virtual. Os educadores precisam lidar com esta situação de modo a promover a inserção do aluno na era da cibercultura.

Ao considerar que uma nova organização textual se configura e que um novo leitor aflora, pesquisadores, como Xavier (2010), Coscarelli (2007) e Gomes (2011), intensificam seu olhar para o hipertexto e para a formação de leitores, promovida esta pela Educação Básica. Em suas discussões, destacam a necessidade de um bom planejamento por parte dos educadores para o uso do hipertexto como material pedagógico, esclarecendo ao aluno-leitor quais os melhores caminhos a serem percorridos na composição de uma leitura coerente com seus propósitos educacionais.

Na esteira da formação de leitor, e diante da crescente importância da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) no contexto educacional, faz-se necessário estimular o contato dos educadores com esta tecnologia. Este contato não deve apresentar apenas o caráter passivo do professor diante da tecnologia, e sim ativo, como produtor de informações através do uso da TIC como ferramenta pedagógica, proporcionando o letramento digital de todos os envolvidos. Para Coscarelli (2007, p. 31), os educadores precisam “encarar este desafio de se preparar para esta nova realidade”. Isso ocorrerá quando todos os atores envolvidos se dispuserem a aprender como utilizar as ferramentas disponíveis para efetivação de projetos pedagógicos, visando à formação de leitores de gêneros digitais competentes.

Na contramão do desenvolvimento tecnológico de toda

a sociedade, grande número de professores ainda se sente inseguro e excluído desse processo. De acordo com Valente (1993, p. 15), a entrada dos computadores na educação se efetiva concomitantemente, com a necessidade de repensar os rumos da escola e o papel do professor. Não acreditamos, porém, que a simples inserção dos computadores na esfera escolar irá resolver os problemas da educação atual. Isso fica evidente ao percebermos que os computadores estão na escola, entretanto os educadores pouco transpõem, para a prática diária, as tecnologias disponibilizadas nas unidades educativas em que atuam.

É inegável o empenho de professores de Língua Portuguesa no processo de ensino-aprendizagem centrado em uma perspectiva do estudo da linguagem através dos gêneros textuais, mas, por outro lado, poucos fazem uso pedagógico de gêneros como e-mails, blogs, chats, twitter, tão presentes no processo de interação de seus jovens educandos. São raros os professores que se sentem à vontade para explorar estes gêneros digitais na formação de leitores e produtores de texto.

Quanto à leitura e ao leitor de hipertexto, condição para desenvolver a leitura em ambientes digitais, Morkes e Nielson (apud Coscarelli, 2006) destacam que os leitores dos gêneros disponibilizados na Web apresentam características próprias. Entre elas, ressaltamos a preferência pela escrita simples e informal; a busca pela qualidade e a relevância das informações; a credibilidade do material pesquisado; a busca pela autoria dos textos e o gosto pelos hiperlinks, mesmo receando que a grande quantidade de links poderá desviá-los do caminho de leitura

coerente.

Ao considerar este perfil de leitor, fica evidente que ele está preocupado com seu objetivo de leitura, busca o resultado rápido para seus questionamentos e credibilidade nas informações acessadas. Para Coscarelli (2006), a leitura seria mais bem explorada se as variações, dados seus propósitos comunicativos, que encontramos nos textos impressos fossem transferidas para o texto on-line, o hipertexto.

Nesse viés, as diferenças e os propósitos da leitura, tanto em textos impressos como em textos on-line, precisam ser amplamente discutidos para que possamos explorar, cada vez melhor, a leitura no contexto educacional e atender a finalidade primeira da educação básica: a formação de leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sucintas ponderações acerca do trabalho com a leitura em ambiente digital, o uso da tecnologia de informação e comunicação (TIC) e o hipertexto na educação apontam para a tecnologia concebida como ferramenta de ensino, como fonte de conhecimento e prática social em que a intervenção e o planejamento do docente é fundamental para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem mediado pela tecnologia digital. Assim, cabe ao professor propor aos alunos práticas efetivas de leitura em ambiente digital, para que, de fato, a leitura hipertextual se torne cotidiana na escola.

Refletir sobre a leitura em ambiente digital, promovida

no espaço escolar, implica considerar o aluno como sujeito socialmente constituído e a construção da leitura realizada por esses sujeitos.

A breve reflexão aqui proposta evidenciou que trabalhar com leitura em ambiente virtual, tecnologia e hipertexto, deve propiciar a construção do conhecimento e a difusão da informação, tanto para educandos como para educadores. Nesse sentido, observamos a importância da formação do professor para a mediação do processo de formação de leitores, por quanto o papel do docente influencia diretamente a prática de leitura no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas, Autores Associados, 1999.
- COSCARELLI, C. V. (Org) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. _____ (Org) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Ceale; Autêntica, 2007.
- GOMES, L.F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.
- HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. Eletrônico, 2001
- LANDGRAF-Valerio, C.L. & Recla, A. **O trabalho com sequência didática no ensino médio: o gênero resenha crítica com o uso da tecnologia**. In: Salem, K. (Org). **Estudos em Linguagem e Educação**. Caele 3. São Paulo: Fiuza, 2011.
- LANDGRAF-Valerio, C.L. **O letramento digital do professor de língua portuguesa: desafios e possibilidades**. In: Salem, K. (Org). **Estudos em Linguagem e Educação**. Caele 4. São Paulo: Fiuza, 2012.
- LITWIN, E. **As mudanças educacionais: qualidade e inovação no campo da tecnologia educacional**. Porto Alegre: Edit. Artmed, 2001.
- MAGGIO, M. **O campo da tecnologia educacional: algumas propostas para sua reconceitualização** Porto Alegre: Edit. Artmed, 2001.
- OLIVEIRA, S. **Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare, 2010.
- ROSA, Rui Namorado. **Flexibilização do trabalho, flexibilização do ensino, o mesmo objectivo do capital**. Publicado em: 18 out. 2003. Disponível em: <http://resistir.info>>. Acesso em: 15 jan. 2012.
- VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP, 1993.
- XAVIER, A.C. **Leitura, texto e hipertexto**. In: Marcuschi, L.A & Xavier, A.C. (Org). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.